

OESP
11/10/97
09 B-2

Economia ecológica

CADA VEZ MAIS ECONOMISTAS ESTUDAM OS MEIOS DE GARANTIR QUE NOSSAS SOCIEDADES SEJAM SUSTENTÁVEIS

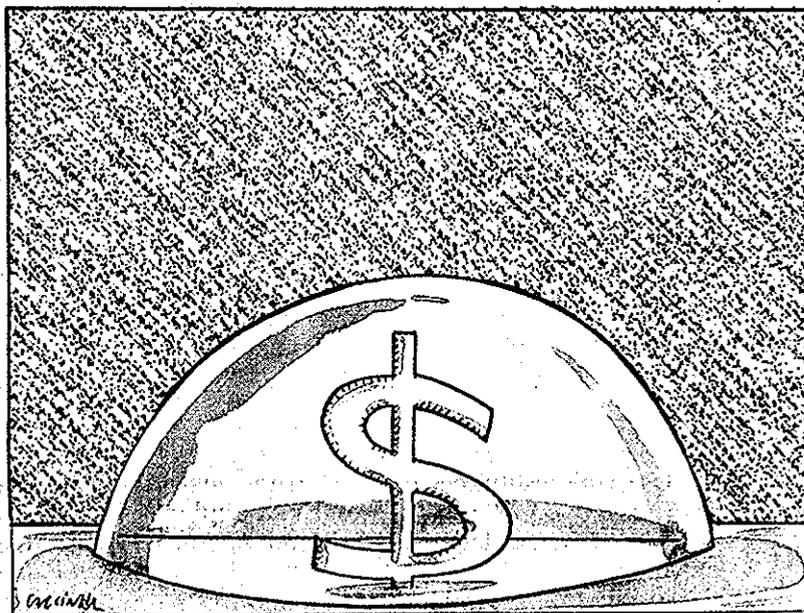
JOSÉ ELI DA VEIGA

Quem teve alguma iniciação científica entende a importância da variedade dos seres vivos. Entre os cientistas, chega à beira da unanimidade a apreciação qualitativa da diversidade biológica. O que não significa que todos concordem que os habitats naturais de maior biodiversidade devam ser mais valorizados que os demais. Essa é uma questão controversa entre os próprios ecólogos.

Por exemplo, as pesquisas de David Hooper e Peter Vitousek (Stanford), David Tilman (Minnesota) e David Wardle (Suécia) tendem a estabelecer uma hierarquia entre as espécies segundo as funções que elas desempenham. Insinuam que certas plantas e certos insetos podem ser muito mais decisivos para o futuro da humanidade do que baleias ou primatas. Sugerem que a ocorrência de espécies insubstituíveis pode ter muito mais valor que a ocorrência de alta biodiversidade, como destacou o especialista em ecologia comparada J. P. Grime (Sheffield) ao apresentar os artigos desses pesquisadores publicados pela revista americana *Science* de 29 de agosto.

O que raramente é percebido, mesmo por pessoas com iniciação científica — e

até por muitos renomados cientistas —, é a dubiedade presente nesse uso que fazem da noção de "valor". Isso ficou bem claro no Fórum sobre Biodiversidade realizado em Washington D.C. em setembro de 1986, cujos trabalhos (antes tarde do que nunca) acabam de ser traduzidos pela Editora Nova Fronteira no livro *Biodiversidade*.



O problema aparece logo na introdução, nas palavras de seu organizador, E. O. Wilson (Harvard). "No final das contas, creio que tudo se resume a uma decisão ética: de que maneira valorizamos os mundos naturais nos quais nos desenvolvemos."

Essa conclusão de E. O. Wilson é rechaçada por grande parte dos economistas. Estão convictos de que entendem muito bem por que alguém pode racionalmente optar por esgotar recursos naturais e reduzir a biodiversidade. Tudo se resumiria a uma questão de preferências intertemporais e descontos. A uma troca entre benefícios presentes e custos futuros, que depende de como os últimos podem ser descontados em relação aos primeiros. Quanto mais alta for a taxa de juros sobre a qual as consequências futuras são descontadas, melhor será para esgotar o

recurso imediatamente.

Também há economistas que — por razões teóricas, práticas ou éticas — se afastaram das premissas básicas desse raciocínio. Pondo-se em dia com o resto do mundo científico, e usando métodos não lineares, eles passaram a produzir análises que desconsideram o conceito mecânico de equilíbrio. Demoraram para se reconhecer como uma nova espécie científica, mas, quando isso ocorreu, fundaram a Sociedade Internacional de Economia Ecológica (Isee). Em 1992, essa sociedade lançou a revista mensal *Ecological Economics*, que já tem 67 números publicados, e está preparando sua quinta conferência mundial, a ser realizada no próximo ano, em Santiago do Chile, com o tema *Más Allá del Crecimiento: Políticas e Instituciones para la Sustentabilidad*.

O coordenador desse evento é um velho conhecido dos economistas brasileiros: o ex-cepalino Osvaldo Sunkel, hoje engajado no Centro de Análises de Políti-

cas Públicas da Universidade do Chile. O mais importante é que ele está vindo ao Brasil para uma espécie de partida preliminar: o 2º Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, seção local da Isee. Nos dias 6 a 8 de novembro, juntamente com Herman Daly (Maryland), Richard Norgaard (Berkeley) e Enrique Leff (PNUMA), Sunkel vai se encontrar nos auditórios do Centro Cultural Maria Antônia-USP e da Universidade Mackenzie com a turma cada vez maior de economistas brasileiros que se preocupam com a biodiversidade e estudam os meios de garantir que nossas sociedades possam vir a ser sustentáveis.

Para avaliar o quanto a ciência econômica se prejudicou por ter desprezado a biologia e idolatrado a física o melhor é assistir a algum curso, palestra ou mesa-redonda desse segundo encontro da ECO-ECO. Mas, se essa participação for impossível, uma boa alternativa é a coletânea *Economia do Meio Ambiente: Teoria, Políticas e a Gestão de Espaços Regionais*, que acaba de ser lançada por parceria da Embrapa com o Instituto de Economia da Unicamp. Nesse livro, os trabalhos de duas dezenas de pesquisadores brasileiros mostram como as condicionantes biofísicas dos processos socioeconômicos estão sendo reintroduzidas no horizonte mental dos cientistas sociais. Mostram também até que ponto os problemas ambientais podem ser absorvidos pela ciência econômica tradicional e em que medida eles põem em xeque alguns de seus próprios fundamentos.

A ciência econômica prejudicou-se muito por ter desprezado a biologia e idolatrado a física

■ José Eli da Veiga é professor do Departamento de Economia e presidente do programa de pós-graduação em Ciência Ambiental da USP
E-mail: zeeliusp.br